REI OG, O GIGANTE QUE SOBREVIVEU AO DILÚVIO AGARRADO À ARCA DE NOÉ

O Último dos Refains

Documento Bibliográfico e Referencial

Fontes Primárias, Pseudepígrafos do Segundo Templo, Talmude, Midrash, Recepção Medieval e Estudos Críticos Modernos

Compêndio cronológico das obras consultadas para a construção da narrativa documental sobre Og, rei de Basã — o último dos gigantes —, abrangendo a transgressão dos filhos de Deus e o nascimento dos Nefilins, a totalidade do juízo do dilúvio, a tradição rabínica do gigante que se salvou agarrado por fora à arca mediante juramento de servidão, a sua genealogia ligada aos anjos Vigilantes, a sua longa vida atravessando os dias de Abraão e a sua morte diante de Moisés em Edrei, bem como a recepção alegórica medieval e a migração da figura para o folclore islâmico de 'Uj ibn 'Anaq.

Ordem cronológica · Período aproximado · Notas de uso narrativo

Nota Introdutória

O presente documento reúne, em ordem cronológica aproximada, as fontes primárias e secundárias que fundamentam a narrativa do filme-documentário *Rei Og, o Gigante que Sobreviveu ao Dilúvio Agarrado à Arca de Noé*. Cada obra foi escolhida não apenas por sua relevância histórica, mas pela contribuição específica que oferece à compreensão dos eixos centrais da narrativa: a fenda aberta pelo silêncio do cânon (um gigante vivo mil anos depois de um dilúvio que deveria tê-los extinguido), a resposta rabínica do gigante salvo junto ao casco da arca, a genealogia que o liga aos Vigilantes caídos, o duplo sentido do termo *refaim* (gigantes e sombras dos mortos) e o destino do gigante na batalha de Edrei.

As datações seguem o consenso acadêmico majoritário. Quando uma obra é composta de camadas redacionais distintas, indica-se o período provável da composição final ou da redação que lhe deu forma reconhecível. Distingue-se em todo o documento, com rigor, o que o cânon de fato afirma daquilo que a tradição posterior acrescentou; e as hipóteses ainda em discussão acadêmica — como a equação entre o gigante Ohyah do Livro dos Gigantes e o Og bíblico — são apresentadas explicitamente como hipóteses, e não como fatos estabelecidos.

Este compêndio destina-se a servir como ponto de partida para o espectador que deseja aprofundar-se nas fontes originais. Não substitui o estudo direto dos textos, mas oferece um mapa cronológico do desenvolvimento das tradições que sustentam a narrativa.

I. Cânon Hebraico (c. 950–400 a.C.)

Os textos canônicos que estabelecem o quadro do problema: a origem dos gigantes antes do dilúvio, a totalidade do juízo das águas e a presença, mil anos depois, de um único rei gigante no limiar da terra prometida.

c. 950–500 a.C.
Gênesis 6:1–4. Os filhos de Deus (*bene ha-elohim*), as filhas dos homens, os Nefilins e os "valentes… homens de renome". *Contribuição:* estabelece a transgressão das origens e o nascimento da raça dos gigantes — a fenda teológica de onde nasce todo o problema da sobrevivência de Og. O filme apresenta lealmente as três leituras clássicas da expressão "filhos de Deus" (seres celestes/Vigilantes; linhagem de Sete; os poderosos da terra), notando que somente a primeira transforma a sobrevivência de um gigante num escândalo teológico. *Edição: Biblia Hebraica Stuttgartensia*, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

c. 950–500 a.C.
Gênesis 7:21–23. A extinção de todo ser vivente; "restou somente Noé, e os que com ele estavam na arca". *Contribuição:* afirma a totalidade do juízo das águas, sem registrar exceção alguma entre os gigantes — a premissa exata contra a qual a sobrevivência de Og se torna um enigma. *Edição:* BHS, 1997.

c. 950–500 a.C.
Gênesis 14:1–13. A guerra dos reis do oriente; os refains feridos em Asterote-Carnaim; o "fugitivo" (*palit*) que corre a avisar Abrão. *Contribuição:* fornece à exegese rabínica o gancho textual para identificar o fugitivo com Og e prolongar-lhe a vida até os dias do patriarca. *Edição:* BHS, 1997.

c. 950–500 a.C.
Números 21:33–35. Og sai de Basã para a guerra em Edrei; "Não o temas, porque na tua mão o entreguei". *Contribuição:* é o único caso em que Deus tranquiliza Moisés diante de um inimigo nomeado — detalhe que a tradição explorará para construir a ideia do "mérito" acumulado de Og. *Edição:* BHS, 1997.

c. 700–500 a.C.

Deuteronômio 3:1–11. Og, "único que restou do resto dos refains"; o leito de ferro de nove por quatro côvados, guardado em Rabá dos filhos de Amom; Basã e suas sessenta cidades muradas. *Contribuição:* âncora material e canônica da estatura de Og e da sua condição de derradeiro sobrevivente de uma raça antiga — o único elemento da história que se podia, em tese, ver e medir. *Edição:* BHS, 1997.

camadas c. séc. X–III a.C.

O duplo sentido de *refaim* e os ecos canônicos de Og. O termo *refaim* nomeia tanto os gigantes (Gênesis 14:5; Deuteronômio 2–3; Josué 12:4; 13:12) quanto as sombras dos mortos do Sheol (Jó 26:5; Salmos 88:11; Provérbios 2:18; 9:18; Isaías 14:9; 26:14); persiste ainda no topônimo "vale dos refains" junto a Jerusalém (Josué 15:8; 2 Samuel 5:18). Síon e Og figuram lado a lado entre os reis vencidos em Salmos 135:10–11 e 136:17–20. *Contribuição:* fundamenta o *leitmotiv* do filme sobre o gigante cujo próprio nome é, na outra face da palavra, o nome dos mortos. *Edição:* BHS, 1997.

II. Pseudepígrafos do Período do Segundo Templo (séc. III a.C.–I d.C.)

A literatura que, fora do cânon, desenvolveu em detalhe a tradição dos anjos caídos e dos gigantes, e na qual parte dos estudiosos identifica a forma mais antiga da figura de Og.

c. séc. III–II a.C.

1 Enoque (Livro dos Vigilantes, caps. 6–16). Apocalipse judaico conservado integralmente em ge'ez (etíope), com fragmentos aramaicos achados em Qumran. *Contribuição:* narra a descida dos Vigilantes sob o chefe Shemihazá, os ensinamentos proibidos de Azazel (armas, metalurgia, cosméticos) e de outros (magia, astrologia), o nascimento dos gigantes devoradores, o clamor da terra, a intercessão dos arcanjos e a prisão dos anjos — e, decisivo para o filme, a doutrina de que dos corpos dos gigantes mortos saíram os espíritos malignos que sobreviveram ao dilúvio. *Edição:* Nickelsburg & VanderKam, *1 Enoch: A New Translation*, Fortress, 2004; comentário em Nickelsburg, *1 Enoch 1* (Hermeneia), Fortress, 2001.

c. séc. II–I a.C.

Livro dos Gigantes (4Q203; 4Q530–533 e correlatos). Obra fragmentária da biblioteca de Qumran. *Contribuição:* dá voz aos próprios gigantes — os irmãos Ohyah e Hahyah, filhos de Shemihazá — e preserva os sonhos premonitórios (o jardim arrasado por água e fogo; a tábua de pedra da qual o dilúvio apaga todos os nomes exceto três), a embaixada do gigante Mahaway ao escriba Enoque e a presença de Gilgamés e de Hobabis (Humbaba) entre os gigantes. *Nota crítica:* parte dos estudiosos (notadamente J. C. Reeves) propõe a equação Ohyah → Ogias → Og, com a tradição maniqueia preservando um gigante que sobrevive ao dilúvio; trata-se de **hipótese de pesquisa**, exposta no filme como tal. *Edição:* Stuckenbruck, *The Book of Giants from Qumran*, Mohr Siebeck, 1997; É. Puech, DJD XXXI; J. T. Milik, *The Books of Enoch*, Oxford, 1976.

III. Talmude Babilônico (tradições séc. I–V; redação séc. VI–VII d.C.)

O grande corpus rabínico que articula, em três tratados distintos, a sobrevivência de Og, a sua genealogia angélica e a sua morte.

tradições séc. I–V d.C.

Niddah 61a. *Contribuição:* registra que Síon e Og eram irmãos, filhos de Aías, filho de Shamhazai (o Vigilante), e identifica Og com o "fugitivo" de Gênesis 14:13 — a genealogia que faz do rei de Basã neto de um anjo caído e explica, por seu mérito residual, o "não o temas" dito a Moisés.

tradições séc. I–V d.C.

Zevachim 113b. *Contribuição:* ensina que as águas do dilúvio eram escaldantes (medida por medida contra o ardor da geração corrompida), de modo que a altura, por si só, não salvaria Og — donde o milagre do resfriamento das águas junto à arca; preserva ainda o debate sobre se a terra de Israel foi poupada do dilúvio (com apoio em Ezequiel 22:24).

tradições séc. I–V d.C.

Berakhot 54b. *Contribuição:* a cena da morte — Og arranca um monte do tamanho do acampamento, formigas (ou gafanhotos) o perfuram, os dentes do gigante alongam-se e travam na rocha (leitura do Salmo 3:8, por troca de consoantes em *shibbarta/shirbavta*), e Moisés, de dez côvados, com machado de dez côvados, saltando dez côvados, alcança apenas o tornozelo do gigante. *Edição (geral): Talmud Bavli*, ed. de Vilna; trad. inglesa Soncino, 1935–1948; ed. Steinsaltz.

IV. Midrash Clássico e Literatura Rabínica Tardia (séc. V–IX d.C.)

As compilações narrativas que ampliaram a biografia lendária de Og — do banquete de Abraão à servidão jurada junto ao casco da arca.

tradições c. séc. IV–V d.C.

Bereshit Rabba. Grande midrash sobre o Gênesis, compilado na terra de Israel. *Contribuição:* material exegético sobre os Nefilins, os filhos de Deus e a corrupção da geração do dilúvio, pano de fundo da figura de Og. *Edição:* ed. crítica J. Theodor e Ch. Albeck, Jerusalém, 1965; trad. inglesa H. Freedman, Soncino, 1939.

c. séc. V–IX d.C.

Devarim Rabba e midrashim correlatos. *Contribuição:* preservam tradições sobre a estatura de Og (o tornozelo a trinta côvados do chão), o banquete do desmame de Isaque, em que o gigante zomba do menino dizendo poder esmagá-lo com um dedo, e a sentença divina que prenuncia a sua queda diante da descendência daquele mesmo menino. *Edição: Midrash Rabbah*, trad. Soncino, Londres, 1939.

c. séc. VIII–IX d.C.

Pirqe de-Rabbi Eliezer (cap. 23). Tratado midráshico narrativo de redação tardia, atribuído pseudoepigraficamente a Rabi Eliézer ben Hircano. *Contribuição central:* é a fonte que conta que Og não coube na arca, sentou-se sobre um madeiro sob a calha do telhado, jurou servidão eterna a Noé e à sua descendência, e foi alimentado por uma abertura aberta no casco durante todo o tempo do dilúvio — o coração mesmo da narrativa do filme. *Edição:* trad. e notas de Gerald Friedlander, Londres, 1916 (reimpr. Hermon Press, Nova York, 1965).

V. Recepção Medieval: Alegoria Filosófica e Folclore Islâmico (séc. XII–XV d.C.)

A leitura não literal da tradição filosófica judaica e a migração da figura de Og para o universo narrativo islâmico.

c. séc. XII–XIII d.C.

Tradição exegética de Maimônides e seus continuadores (Samuel ibn Tibbon; Shlomo ibn Aderet, o Rashba). *Contribuição:* ensina que relatos como o de Og arrancando a montanha não devem ser tomados ao pé da letra, mas lidos como alegorias (a força bruta da paixão vencida pela inteligência; uma aliança política desfeita por dissensão interna) — chave que o filme apresenta como parte honesta da própria tradição, que nunca foi ingênua diante das suas lendas. *Edição:* Maimônides, *Guia dos Perplexos*, trad. S. Pines, University of Chicago Press, 1963.

c. séc. XI–XV d.C.

Histórias dos Profetas islâmicas (*qisas al-anbiya*): al-Tha'labi, *'Ara'is al-Majalis*; al-Kisa'i, *Qisas al-Anbiya'*. *Contribuição:* preservam a figura de 'Uj ibn 'Anaq, gigante derivado do Og judaico, que teria sobrevivido ao dilúvio (a água mal lhe chegando aos joelhos), zombado da "caixinha" de Noé e sido morto por Moisés com um golpe no pé. *Nota crítica indispensável:* 'Uj **não** figura no Alcorão nem nos hadices tidos por autênticos; é folclore de edificação, expressamente rejeitado como fábula por diversos sábios muçulmanos. O filme o apresenta exclusivamente como recepção folclórica posterior. *Edição:* al-Tha'labi, *'Ara'is al-Majalis fi Qisas al-Anbiya' ("Lives of the Prophets")*, trad. W. M. Brinner, Brill,

2002.

VI. Estudos Críticos Modernos (séc. XX–XXI)

Bibliografia secundária essencial para a compreensão histórica e crítica das fontes primárias listadas acima.

Ginzberg, Louis. *The Legends of the Jews*. 7 vols. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1909–1938. — Compêndio clássico das lendas rabínicas; reúne as tradições sobre Og (a arca, o banquete de Abraão, a morte em Edrei).

Nickelsburg, George W. E. *1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1–36; 81–108*. Minneapolis: Fortress (Hermeneia), 2001. — Comentário de referência sobre o Livro dos Vigilantes.

Stuckenbruck, Loren T. *The Book of Giants from Qumran: Texts, Translation, and Commentary*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1997. — Edição crítica e estudo do Livro dos Gigantes.

Reeves, John C. *Jewish Lore in Manichaean Cosmogony: Studies in the Book of Giants Traditions*. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1992. — Estudo que articula a ligação proposta entre Ohyah, Ogias e Og.

Doak, Brian R. *The Last of the Rephaim: Conquest and Cataclysm in the Heroic Ages of Ancient Israel*. Boston: Ilex Foundation / Harvard University Press, 2012. — Estudo dos refains e dos gigantes no Israel antigo, incluindo o duplo sentido do termo.

Bamberger, Bernard J. *Fallen Angels: Soldiers of Satan's Realm*. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1952. — História das tradições sobre os anjos caídos.

Wright, Archie T. *The Origin of Evil Spirits: The Reception of Genesis 6.1–4 in Early Jewish Literature*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. — Sobre os espíritos surgidos dos corpos dos gigantes mortos.

Kugel, James L. *Traditions of the Bible: A Guide to the Bible As It Was at the Start of the Common Era*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998. — Mapa das tradições interpretativas antigas sobre o Gênesis.

Strack, H. L.; Stemberger, Günter. *Introduction to the Talmud and Midrash*. Edinburgh: T&T Clark, 1991. — Referência para a datação e a natureza dos corpora rabínicos citados.

Nota Final sobre a Natureza desta Bibliografia

O filme-documentário *Rei Og, o Gigante que Sobreviveu ao Dilúvio Agarrado à Arca de Noé* constitui uma obra de narrativa criativa fundamentada em fontes históricas reais. A seleção, a articulação e a interpretação dessas fontes são obra autoral e não representam necessariamente o consenso de qualquer tradição religiosa ou escola acadêmica.

As tradições aqui listadas — o cânon hebraico, os pseudepígrafos do Segundo Templo, o Talmude, o midrash, a exegese filosófica medieval e o folclore islâmico — não formam, em sua origem histórica, um sistema unificado. Cada uma desenvolveu-se em contexto, língua e época próprios, com pressupostos distintos. A obra audiovisual aproxima esses *corpora* para construir uma investigação coerente em torno de uma única pergunta — como e por que um gigante atravessou o dilúvio — sem pretender que as fontes concordem entre si em tudo o mais.

Importa distinguir com clareza os planos. O cânon (Gênesis, Números, Deuteronômio) afirma apenas que Og foi um rei gigante, último dos refains, derrotado por Moisés; **nada** diz sobre o dilúvio. A sobrevivência agarrada à arca provém do *Pirqe de-Rabbi Eliezer*; a genealogia angélica e as águas

escaldantes, do Talmude (Niddah, Zevachim, Berakhot); a doutrina dos espíritos sobreviventes, de *1 Enoque*. A ligação entre o gigante Ohyah e Og é hipótese de pesquisa moderna; e a figura islâmica de 'Uj é folclore tardio, alheio ao Alcorão. Não se trata, portanto, de invenção contemporânea, mas de uma leitura ancorada em fontes antigas e identificadas, oferecida como exercício de investigação histórica e literária, e não como afirmação dogmática.

Recomenda-se vivamente ao espectador interessado o estudo direto dessas fontes em edições críticas, bem como a consulta dos estudos acadêmicos modernos listados na seção VI.

Documento referencial preparado como complemento de pesquisa
ao filme-documentário homônimo.